

o SENHOR
DO CAOS





ROBERT
JORDAN

o SENHOR
DO CAOS

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES


intrínseca

Copyright © 1994 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da
roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.

Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

Lord of Chaos

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

Marcela de Barros

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva

IMAGEM PÁGS. 2 E 3

Shutterstock.com

MAPAS E ILUSTRAÇÕES

Ellisa Mitchell e Matthew C. Nielsen

ADAPTAÇÃO DO MAPA

Kátia Regina Silva

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69s

Jordan, Robert, 1948-2007

O Senhor do Caos / Robert Jordan ; tradução Mariana Serpa,
Rafael Miranda Rodrigues. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca,
2018.

1072 p. : il. ; 23 cm. (A Roda do Tempo ; 6)

Tradução de: Lord of Chaos

Sequência de: As Chamas do Paraíso

ISBN 978-85-510-0291-9

1. Ficção americana. I. Serpa, Mariana. II. Rodrigues, Rafael
Miranda. III. Título. IV. Série.

17-46364

CDD: 813

CDU: 821.134.3(81)-4

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Betsy

SUMÁRIO

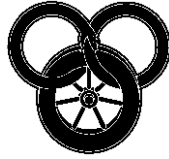
Prólogo: A Primeira Mensagem	11
Mapas	86, 442
1 Leão na colina	89
2 A visita	106
3 Os olhos de uma mulher	121
4 Senso de humor	138
5 Uma dança diferente	158
6 Tramas urdidas em sombras	189
7 Uma questão de opinião	212
8 Arma-se uma tempestade	242
9 Planos	267
10 Um ditado das Terras da Fronteira	288
11 Aulas e professores	310
12 Perguntas e respostas	326
13 Sob a poeira	349
14 Sonhos e pesadelos	370
15 Um monte de areia	388
16 Previsões da Roda	411
17 A Roda da vida	427
18 Um pouco de solidão	443
19 Questões de <i>toh</i>	464
20 Visitas do <i>pouso</i>	478
21 Para Shadar Logoth	492
22 Rumo ao Sul	507
23 Para entender a mensagem	525
24 A Missão diplomática	531
25 Como relâmpagos e chuva	544
26 Ligando as linhas	564
27 Presentes	578

28	Cartas	603
29	Fogo e Espírito	623
30	Curar de novo	636
31	Lacre de cera vermelha	660
32	Convocação às pressas	676
33	Coragem para fortificar	690
34	A Jornada para Salidar	706
35	No Salão das Votantes	715
36	A Amyrlin é elevada	726
37	Quando a batalha começa	740
38	Um súbito desânimo	755
39	Possibilidades	768
40	Gargalhada inesperada	783
41	Uma ameaça	796
42	A Torre Negra	815
43	A Coroa de Rosas	828
44	A cor da confiança	837
45	Um pensamento amargo	852
46	Além do portão	866
47	A Mulher Errante	887
48	Apoiadas na faca	902
49	O Espelho de Brumas	915
50	Espinhos	940
51	A captura	957
52	Tessituras do poder	964
53	O festival das luzes	983
54	O chamado	1002
55	Poços de Dumai	1023
Epílogo: A resposta		1046
Glossário		1051

Cantam os leões, os montes fogem em rol.
De dia brilha a lua, de noite vem o sol.
Mulher cega, homem surdo, corvo atroz.
Vem, Senhor do Caos, reinar sobre nós.

*(cantiga infantil ouvida na
Grande Arvalon, da Quarta Era)*

PRÓLOGO



A PRIMEIRA MENSAGEM

Demandred saiu para as encostas negras de Shayol Ghul, e a passagem, um buraco na trama da realidade, tremeluziu e desapareceu. Nuvens cinzentas se revolviam acima, encobrendo o céu como um mar invertido de ondas cinzentas morosas que arrebetavam em volta do pico oculto da montanha. Abaixo, estranhas luzes lampejavam pelo vale árido, em tons azuis e vermelhos desbotados que não eram suficientes para afastar as trevas sombrias encobrendo sua fonte feito uma mortalha. Relâmpagos subiam pelas nuvens, e trovões lentos ribombavam. Ao longo da encosta, vapor e fumaça se elevavam por vulcões isolados, alguns tão pequenos quanto a mão de um homem, outros enormes o bastante para engolir dez camaradas.

Na mesma hora, soltou o Poder Único — e com a mesma delicadeza que o Poder sumiu, esvaneceu-se também a agudez de sentidos que tornava tudo mais claro, mais penetrante. A ausência de saidin deixava um vazio, porém, naquele lugar, apenas um tolo se arriscaria a sequer parecer disposto a canalizar. Além do mais, apenas um tolo desejaria ver, farejar ou sentir com clareza as coisas daquele lugar.

No tempo que era agora conhecido como Era das Lendas, aquele lugar fora uma ilha idílica em um mar tranquilo, lugar predileto dos apreciadores de paisagens rústicas. Apesar do vapor, o frio era cortante. Demandred não se permitia senti-lo, mas o instinto o fazia apertar contra o corpo o manto de veludo forrado de pele. Uma leve bruma revelava sua respiração, quase invisível antes de ser tragada pelo ar. Poucas léguas a norte dali o mundo era puro gelo, mas Thakan'dar era sempre seca como um deserto, por mais que vivesse em um permanente inverno.

Havia água, por assim dizer, um arroio de águas negras que corria pela encosta rochosa ao lado de uma ferraria de teto cinza. Martelos retiniam lá dentro, e luz branca cintilava pelas janelas estreitas a cada repique. Uma mulher vestida em andrajos estava agachada, encostada na parede de pedras brutas da ferraria, parecendo desesperançosa, com um bebê aninhado nos braços e uma menina comprida afundando o rosto em suas saias. Prisioneiros capturados em uma invasão às Terras da Fronteira, sem dúvida. Mas eram muito poucos; os Myrddraal deviam estar rangendo os dentes, incomodados. Suas espadas sempre falhavam depois de algum tempo e tinham que ser substituídas, apesar de as incursões às Terras da Fronteira terem sido reduzidas.

Um dos forjadores apareceu, um homem robusto e de movimentos lentos que parecia ter sido esculpido de uma montanha. Os forjadores não estavam exatamente vivos: caso se afastassem de Shayol Ghul, transformavam-se em pedra ou pó. Também não eram exatamente ferreiros; não faziam nada além das espadas. Com as duas mãos, o sujeito segurava uma lâmina de espada presa em pinças compridas — a lâmina já estava temperada, pálida feito neve sob a lua. Vivo ou não, o forjador tomou cuidado ao mergulhar o metal reluzente no arroio escuro. Qualquer fragmento de vida que possuía poderia desaparecer ao encostar naquela água. Quando o metal emergiu outra vez, estava negro feito a morte. Porém, o trabalho ainda não havia sido terminado. O forjador voltou para dentro arrastando os pés, e de súbito uma voz masculina soltou um grito desesperado.

— Não? Não! NÃO!

Ouviu-se um ganido, e o som foi definhando sem perder a intensidade, como se o sujeito que gritara fosse arrastado a uma distância inimaginável. A espada estava pronta.

Outro forjador apareceu — talvez o mesmo, talvez outro — e ergueu a mulher com um puxão. Mulher, bebê e criança começaram a choramingar, mas o bebê foi arrancado do colo da mãe e enfiado nos braços da menininha. Por fim, a mulher encontrou um resquício de resistência. Aos soluços, começou a chutar e arranhar desesperadamente. O forjador parecia se abalar tanto quanto uma pedra. Os berros da mulher cessaram assim que ela entrou. Os martelos começaram a retinir, abafando os soluços das crianças.

Uma espada pronta, e duas por vir. Demandred nunca tinha visto menos de cinquenta prisioneiros aguardando para entregar as crias ao Grande Senhor das Trevas. Os Myrddraal deviam estar mesmo rangendo os dentes, incomodados.

— Você está remanchando depois de ser convocado pelo Grande Senhor? — A voz era áspera feito couro podre.

Demandred virou-se devagar — como é que um Meio-homem se atrevia a dirigir-se a ele naquele tom? —, porém as palavras de repreensão morreram na boca. Não por causa do olhar sem olhos da criatura de rosto pálido — o olhar de um Myrddraal metia medo em qualquer homem, mas ele extirpara seu medo havia muito tempo. Foi pela própria criatura coberta de negro. Todos os Myrddraal tinham a altura de um homem alto, eram uma cópia serpeante de um homem, e todos pareciam ter saído do mesmo molde. Aquele era cerca de uma cabeça mais alto que o usual.

— Vou levá-lo ao Grande Senhor — anunciou o Myrddraal. — Sou Shaidar Haran.

A criatura deu meia-volta e começou a subir a montanha com seu caminhar fluido, feito uma serpente. A capa retinta permanecia estranhamente imóvel, sem a menor ondulação.

Demandred hesitou antes de segui-lo. Os Meios-homens sempre tinham nomes na língua enrolada dos Trollocs. “Shaidar Haran” vinha do idioma que o povo agora denominava Língua Antiga. Significava “Mão das Trevas”. Outra surpresa, e Demandred não gostava de surpresas, sobretudo em Shayol Ghul.

A entrada para a montanha poderia ser confundida com um dos vulcões, à diferença de que não emitia vapor ou fumaça. A abertura era ampla o bastante para a passagem de dois homens lado a lado, mas o Myrddraal manteve-se à frente. Logo na entrada, o caminho já formava um declive — um túnel de piso gasto e liso feito azulejos polidos. O frio foi diminuindo conforme Demandred seguia as largas costas de Shaidar Haran, cada vez mais para baixo, aos poucos substituído por um calor crescente. Demandred o percebia, mas não se deixava atingir. Uma luz pálida emanava da pedra e inundava o túnel, mais brilhante que o crepúsculo incessante lá fora. Do teto despontavam protuberâncias pontudas e serrilhadas, dentes de pedra prontos para se fecharem, os dentes do Grande Senhor para dilacerar os traidores e infiéis. Sem dúvida, não eram formações naturais, porém eram eficazes.

De súbito, Demandred notou algo. Todas as vezes que percorrera esse trajeto, os agulhões quase roçavam o topo da cabeça. Daquela vez, havia um espaço de pelo menos duas mãos entre eles e a cabeça do Myrddraal. Aquilo o surpreendeu. Não o fato de a altura do túnel estar diferente — o estranho era costumeiro, por ali —, e sim de ter sido dado um espaço a mais ao Meio-homem. O Grande Senhor emitia avisos tanto aos homens quanto aos Myrddraal. Aquele espaço extra era um lembrete.

O túnel de repente se abria em uma ampla saliência que dava para um lago de pedras fundidas, vermelhas rajadas de preto, onde chamas da altura de um homem dançavam, se extinguíam e nasciam outra vez. Não havia teto, apenas um buraco imenso se erguendo montanha acima até um céu que não era o céu de Thakan'dar. Aquele céu fazia o de Thakan'dar parecer normal, com as nuvens estranhamente estriadas correndo feito raios, como se conduzidas pelos piores ventos que o mundo já vira. Os homens chamavam aquele lugar de Poço da Perdição, e poucos tinham noção de como o nome era apropriado.

Mesmo depois de tantas visitas — e a primeira fora em um passado de bem mais de três mil anos —, Demandred sempre sentia um pavor reverente. Ali, conseguia sentir a Fenda — o antiquíssimo buraco perfurado na prisão onde o Grande Senhor jazia desde o momento da Criação. Ali, a presença do Grande Senhor o inundava. Fisicamente, o lugar ficava tão distante da Fenda quanto qualquer outro no mundo, mas ali o Padrão parecia mais fino, o que permitia que fosse sentido.

Demandred viu-se perto de abrir um sorriso como nunca estivera antes. Como eram tolos os que haviam se oposto ao Grande Senhor. Sim, a Fenda ainda estava bloqueada, mesmo que de forma mais tênue do que quando o Grande Senhor despertara de seu longo sono e se libertara de sua prisão. Bloqueada, porém maior do que quando ele despertara. Ainda não tão grande quanto na época em que Demandred fora jogado lá com seus companheiros, no fim da Guerra do Poder, porém um pouco maior a cada visita. Logo, o bloqueio seria desfeito, e o Grande Senhor estenderia a mão outra vez por sobre a terra. Logo, chegaria o Dia do Retorno. E ele governaria o mundo pelo restante dos tempos. Abaixo do Grande Senhor, claro. E com os outros Escolhidos que sobrevivessem, certamente.

— Pode se retirar agora, Meio-homem.

Não queria a criatura ali para ver o êxtase tomando conta dele. O êxtase e a dor.

Shaidar Haran não se mexeu.

Demandred abriu a boca... e uma voz explodiu em sua cabeça.

DEMANDRED.

Chamar aquilo de voz era como chamar uma montanha de seixo. Aquilo quase esmagou o interior de seu próprio crânio, e ele foi completamente arrebatado. Tombou de joelhos. O Myrddraal continuava assistindo, impassível, mas apenas uma parte sua era capaz de notar a criatura, com aquela voz invadindo seu cérebro.

DEMANDRED. COMO VAI ESTE MUNDO?

Nunca sabia ao certo quanto o Grande Senhor sabia do mundo. A ignorância o surpreendia tanto quanto o conhecimento. Porém não tinha dúvidas a respeito do que o Grande Senhor queria ouvir.

— Rahvin foi morto, Grande Senhor. Ontem. — Sentiu dor. Uma euforia tão forte logo se tornava dor. Seus braços e pernas se contraíram. Estava suando. — Lanfear desapareceu sem deixar rastros, assim como Asmodean. E Grandal avisou que Moghedien não foi encontrá-lo, como haviam combinado. Também ontem, Grande Senhor. Não acredito em coincidências.

OS ESCOLHIDOS ESTÃO DEFINHANDO, DEMANDRED. OS FRACOS SUCUMBEM. QUEM ME TRAIR, MORRERÁ A MORTE FINAL. ASMODEAN, ESMAGADO PELA PRÓPRIA FRAQUEZA. RAHVIN, MORTO PELO PRÓPRIO ORGULHO. ELE SERVIU BEM, MAS NEM MESMO EU POSSO SALVÁ-LO DO FOGO DEVASTADOR. NEM MESMO EU POSSO CAMINHAR FORA DO TEMPO. Por um instante, uma ira terrível apossou-se daquela voz assustadora, e... seria frustração? Um instante apenas. MORTO POR MEU ANTIGO INIMIGO, O QUE CHAMAM DRAGÃO. VOCÊ USARIA O FOGO DEVASTADOR A MEU SERVIÇO, DEMANDRED?

Demandred hesitou. Uma gota de suor deslizou meia polegada por seu rosto; pareceu ter levado uma hora para escorrer. Durante a Guerra do Poder, ambos os lados passaram um ano usando fogo devastador. Até descobrirem as consequências. Sem acordo nem trégua — jamais houvera trégua, muito menos clemência —, os dois lados simplesmente pararam. Naquele ano, cidades inteiras pereceram sob o fogo devastador, centenas de milhares de tramas do Padrão foram queimadas, a própria realidade quase desfiou, mundo e universo evaporando em cerração. Se o fogo devastador fosse usado outra vez, poderia não restar um mundo para governar.

Outra coisa o deixou incomodado. O Grande Senhor já sabia como Rahvin morreria. E parecia saber mais sobre Asmodean do que ele.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será. — Seus músculos podiam estar trêmulos, mas sua voz estava firme. A pedra quente começava a formar bolhas em seus joelhos, mas a carne poderia muito bem ser de outra pessoa.

ASSIM SERÁ.

— Grande Senhor, é possível destruir o Dragão. — Um homem morto não conseguiria manejar o fogo devastador, e talvez então o Grande Senhor não visse mais necessidade disso. — Ele é fraco e ignorante, e sua atenção vive dispersa em dezenas de direções. Rahvin era um imbecil vaidoso. Eu...

VOCÊ SERIA NAE'BLIS?

A língua de Demandred congelou. Nae'blis. Aquele que se postava apenas um degrau abaixo do Grande Senhor, comandando todos os outros.

— Eu desejo apenas servi-lo, Grande Senhor, da forma que puder.
— Nae'blis.

ENTÃO ESCUTE E SIRVA. OUÇA QUEM VAI MORRER E QUEM VAI VIVER.

Demandred gritou quando a voz o atingiu. Lágrimas de alegria correram por seu rosto.

Imóvel, o Myrddraal o observava.

— Fiquem quietas. — Nynaeve sacudiu a longa trança por cima do ombro. — Não vai dar certo se vocês ficarem se remexendo feito crianças com coceira.

Do outro lado da mesa instável, nenhuma das mulheres parecia muito mais velha do que ela, embora tivessem cerca de vinte anos a mais, e nenhuma estava de fato se remexendo, mas o calor deixava Nynaeve nervosa. O quartinho sem janelas estava abafado. Ela pingava de suor, enquanto as outras pareciam frescas e secas. Leane, com um vestido domanês de seda azul excessivamente fina, apenas deu de ombros — a mulher alta e de pele acobreada possuía um estoque aparentemente infundável de paciência. Quase sempre. Já Suan, serena e robusta, quase nunca tinha paciência para oferecer.

Suan grunhiu e ajustou as saias outra vez, irritada. Em geral usava roupas lisas, porém esta manhã vestia um delicado linho amarelo com bordado tairino labiríntico envolvendo o decote que por pouco não era cavado demais. Os olhos azuis eram frios feito a água do fundo de um poço. Frios como seria a água no fundo de um poço, se o tempo não estivesse completamente doido. Os vestidos podiam ser diferentes, mas os olhos não.

— Não vai funcionar mesmo — vociferou ela. Seu modo de falar também permanecia o mesmo. — Não dá para remendar um casco com o barco todo queimado. Bom, é perda de tempo, mas eu prometi que tentaria, então vamos logo com isso. Leane e eu temos trabalho a fazer.

As duas comandavam a rede de olhos-e-ouvidos para as Aes Sedai ali em Saldidar, as agentes que divulgavam os informes e rumores a respeito do que acontecia no mundo.

Nynaeve alisou as próprias saias para se acalmar. Seu vestido era de lã branca lisa com sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Um vestido de

Aceita. Aquilo a incomodava mais do que poderia ter imaginado. Preferia estar usando o vestido de seda verde que guardara na bolsa. Estava disposta a admitir, pelo menos para si mesma, que tomara gosto por roupas refinadas, mas a escolha daquele vestido em particular fora apenas pelo conforto — era fino e leve —, e não porque verde era uma das cores preferidas de Lan. Não mesmo. Devaneios do pior tipo. Uma Aceita que usasse qualquer coisa que não o vestido branco com faixas logo descobriria que estava *muito* abaixo das Aes Sedai. Decidida, afastou todos aqueles pensamentos. Não estava ali para se preocupar com roupinhas frescas. Ele também gostava de azul. Não!

Sutilmente, usou o Poder Único para sondar as duas mulheres, primeiro Sivan, depois Leane. De certa forma, não estava canalizando. Não conseguia canalizar nem um fiapo se não estivesse irritada, sequer sentia a Fonte Verdadeira. No fim das contas, dava no mesmo. Finos filamentos de *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, perpassavam as duas mulheres conforme Nynaeve tecia, só que não se originavam dela.

No pulso esquerdo, Nynaeve usava um bracelete fino, uma tira simples de prata segmentada. Quase toda de prata, de qualquer forma, e de origem especial, embora isso não fizesse diferença. Era a única joia que usava além do anel da Grande Serpente. As Aceitas eram desencorajadas a usar muitos adornos. Um colar do mesmo material envolvia o pescoço da quarta mulher, sentada em um banquinho encostado na parede de reboco grosseiro, as mãos cruzadas no colo. Usava lã grossa de fazendeiro e tinha o rosto rechonchudo e cansado das pessoas do campo, mas sequer suave. Também não movia um só músculo, mas seus olhos escuros observavam tudo. Nynaeve via o brilho de *saidar* que envolvia a mulher, mas era ela própria quem conduzia a canalização. Bracelete e colar criavam um elo bastante similar à forma como as Aes Sedai se conectavam para unir poderes. Segundo Elayne, a explicação envolvia “matrizes completamente idênticas”, mas a partir dali a explicação se tornava incompreensível. A verdade era que Nynaeve achava que Elayne não entendia nem a metade do que fingia entender. Ela mesma não entendia nada, a não ser o fato de que era capaz de sentir todas as emoções da outra mulher — e também de sentir a própria —, em um canto de sua mente, e ela detinha o controle de toda a *saidar* que a outra podia manipular. Às vezes, achava que teria sido melhor se aquela mulher no banquinho estivesse morta. Seria mais simples, sem dúvida. Menos complicado.

— Alguma coisa foi rasgada ou cortada — resmungou a Aceita, secando distraidamente o suor do rosto.

Era apenas uma vaga impressão, quase imperceptível, mas, por outro lado, era a primeira vez que sentia algo além de vazio. Poderia ser imaginação, o desejo desesperado de encontrar alguma coisa, qualquer que fosse.

— Rompida — explicou a mulher no banquinho. — Esse era o nome do que vocês hoje chamam de estancar, no caso das mulheres, e amansar, no dos homens.

Três cabeças se viraram na direção da mulher; três pares de olhos a encararam cheios de fúria. Sivan e Leane tinham sido Aes Sedai até serem estancadas durante o golpe à Torre Branca, que pusera Elaida no Trono de Amyrlin. Estancadas. Uma palavra que provocava arrepios. Nunca mais poderiam canalizar. E sempre se lembrariam disso, teriam consciência da perda. Sentiriam a Fonte Verdadeira eternamente, sabendo que jamais poderiam tocá-la outra vez. O estancamento era tão incurável quanto a morte.

Isso era o que todos acreditavam, ao menos, mas, na opinião de Nynaeve, o Poder Único deveria ser capaz de Curar qualquer coisa, exceto a morte.

— Só fale se tiver algo útil a acrescentar, Marigan — retrucou Nynaeve, com rispidez. — Caso contrário, fique quieta.

Marigan encolheu-se outra vez contra a parede, os olhos faiscantes cravados em Nynaeve. Medo e ódio percorreram o bracelete, o que sempre acabava acontecendo. Os prisioneiros quase nunca gostavam de seus captores, nem mesmo — talvez sobretudo — quando sabiam que mereciam ser presos, e até mais. O problema era que Marigan também dissera que o rompimento — o estancamento — não podia ser Curado. Ora, a mulher enchia a boca para dizer que na Era das Lendas havia Cura para tudo, a não ser para a morte, e que o que hoje a Ajah Amarela chamava de Cura nada mais era do que o trabalho grosseiro e apressado dos campos de batalha. No entanto, sempre que Nynaeve tentava arrancar informações mais específicas ou até um palpite a respeito de como eram os procedimentos, a mulher não abria a boca. Marigan sabia tanto sobre Cura quanto Nynaeve sobre o trabalho nas forjas — os ferreiros enfiavam metal no carvão quente e batiam nele com um martelo. Decerto não era o bastante para fazer uma ferradura. Nem para Curar qualquer coisa além de um hematoma.

Remexendo-se na cadeira, Nynaeve observou Leane e Sivan. Passara dias assim, examinando-as sempre conseguia convencê-las a deixar de lado seu outro trabalho, mas até então nada descobrira. De súbito, deu-se conta de que girava o bracelete no pulso. Fosse qual fosse o ganho, odiava permanecer conectada à mulher. A intimidade lhe causava arrepios. *Pelo menos posso tentar aprender alguma coisa*, pensou. *E não pode ser pior do que tudo o que já aconteceu.*

Tomando cuidado, abriu o bracelete — era impossível encontrar o fecho sem saber de antemão onde ele ficava — e entregou-o a Suan.

— Coloque isso aqui.

Perder o acesso ao Poder era ruim, mas precisava fazer isso. E perder as ondas de emoção era como tomar um banho. Os olhos de Marigan acompanharam o fino aro de metal, hipnotizados.

— Por quê? — inquiriu Suan. — Você disse que essa coisa só funciona...

— Anda logo, Suan.

Suan a encarou com teimosia — Luz, que mulher obstinada! — antes de fechar o bracelete no próprio pulso. Na mesma hora, foi tomada por uma expressão de espanto, depois estreitou os olhos para Marigan.

— Ela odeia a gente, mas disso eu já sabia. E sente medo, e... surpresa. O rosto dela não revela o menor traço, mas a mulher está chocada até a raiz dos cabelos. Acho que não acreditava que eu também pudesse usar isto aqui.

Marigan se remexeu, incomodada. Até então, apenas duas pessoas que sabiam a seu respeito podiam usar o bracelete. Quatro teriam mais chances de fazer perguntas. A mulher parecia cooperar, mas quanto estaria escondendo? O máximo possível, Nynaeve tinha certeza.

Suan balançou a cabeça, com um suspiro.

— E eu não posso. Deveria conseguir tocar a Fonte a partir dela, não é mesmo? Pois é, não consigo. Mais fácil um peixe subir em árvores. Fui estancada e ponto final. Como é que se tira essa coisa? — A mulher sacudiu o bracelete. — Como é que se tira essa porcaria?

Com delicadeza, Nynaeve deitou a mão sobre a de Suan, por cima do bracelete.

— Você não consegue ver? O bracelete não funciona para uma mulher incapaz de canalizar, assim como o colar não funcionaria. Se eu pusesse um dos dois em uma das cozinheiras, ia ser só uma joia bonita.

— Cozinheira ou não — retrucou Suan, impassível —, eu não consigo canalizar. Fui estancada.

— Mas existe algo aí para ser Curado — insistiu Nynaeve —, senão você não receberia sensação nenhuma vinda do bracelete.

Suan deu um puxão para soltar o braço e estendeu o punho.

— Tire isso de mim.

Nynaeve aquiesceu, balançando a cabeça. Às vezes Suan conseguia ser tão cabeça-dura quanto qualquer homem!

Quando estendeu o bracelete para Leane, a domanesa ergueu o pulso com avidez. A antiga Curadora das Crônicas fingia aceitar o estancamento tão bem quanto

Siuan — quanto Siuan fingia —, mas nem sempre se saía bem nisso. Supostamente, a única forma de sobreviver por um longo tempo após o estancamento era encontrar algo mais para preencher a vida, preencher o vazio deixado pelo Poder Único. Para Leane e Siuan, esse algo era administrar a rede de agentes e, mais importante, tentar convencer as Aes Sedai em Salidar a apoiar Rand al'Thor como o Dragão Renascido sem deixá-las saber o que estavam fazendo. A questão era se isso bastava. A amargura no rosto de Siuan, além do prazer no de Leane, quando o bracelete se fechou, denunciavam que talvez nada jamais fosse o bastante.

— Ah, sim. — Leane tinha um jeito direto de falar. Exceto quando se dirigia aos homens, pelo menos. Era domanesa, afinal, e vinha tentando tirar o atraso do tempo que passara na Torre. — É, ela está mesmo atônita, não está? Mas está começando a se controlar. — Por uns instantes, a mulher ficou sentada em silêncio, avaliando a figura no banquinho. Marigan a encarava de volta, receosa. Por fim, Leane deu de ombros. — Também não consigo tocar a Fonte. Tentei fazer com que ela sentisse uma picada de pulga no tornozelo. Se tivesse funcionado, ela teria dado algum sinal.

Este era outro truque do bracelete: provocar sensações físicas na mulher que portava o colar. Apenas sensações, pois o ato não gerava qualquer marca ou dano real. Ainda assim, a sensação de duas chicotadas bem dadas tinha bastado para convencer Marigan de que era melhor cooperar. A alternativa seria um julgamento rápido seguido de execução.

Apesar do fracasso, Leane não tirou os olhos do bracelete quando Nynaeve o abriu e o fechou outra vez no próprio punho. Parecia que ela, ao menos, não desistira completamente de algum dia canalizar outra vez.

Recuperar o acesso ao Poder parecia maravilhoso. Não tanto quanto abraçar e ser preenchida por *saidar*, porém até mesmo tocar a Fonte a partir de outra mulher era como duplicar a vida que corria em suas veias. Conter *saidar* dentro de si despertava a vontade de rir e dançar de pura alegria. Supunha que um dia se acostumaria com isso — imaginava que as Aes Sedai plenas com o tempo se acostumassem. Considerando o prazer que lhe trazia, a conexão com Marigan era um preço pequeno a se pagar.

— Agora que a gente sabe que existe uma chance — anunciou —, acho...

A porta se abriu com um estrondo, e Nynaeve viu-se de pé antes mesmo de pensar em reagir. Nem tinha cogitado usar o Poder, e teria gritado, se a garganta não estivesse completamente travada. Não foi a única, porém mal percebeu que Siuan e Leane também se levantaram de um salto. O medo cascadeando pelo bracelete pareceu um eco do que ela própria sentia.

A jovem que fechou a porta de madeira irregular não percebeu a comoção que causara. Alta e empertigada em seu vestido de Aceita, os cachos dourados por sobre os ombros, parecia cuspir fogo, de tão irritada. No entanto, mesmo com o rosto rígido de raiva e pingando de suor, a jovem conseguia permanecer bonita — era uma das habilidades de Elayne.

— Vocês sabem o que elas estão fazendo? Estão enviando uma missão diplomática para... para Caemlyn! E se recusam a me deixar ir! Sheriam me *proibiu* de tocar outra vez nesse assunto. Me proibiu de sequer *falar* a respeito!

— Nunca ensinaram você a bater antes de entrar, Elayne? — Nynaeve endireitou a cadeira e sentou-se outra vez. Desabou, na realidade: os joelhos estavam bambos de alívio. — Achei que *você* fosse Sheriam. — A simples ideia de ser descoberta dilacerava suas entranhas.

Elayne teve a decência de corar e pedir desculpas na mesma hora. Então es-
tragou tudo, acrescentando:

— Mas não entendo por que ficaram tão nervosinhas. Birgitte ainda está lá fora, e vocês *sabem* que ela avisaria caso alguém se aproximasse. Nynaeve, elas *precisam* me deixar ir.

— Elas não *precisam* fazer nada disso — retrucou Sivan com rispidez.

Ela e Leane também haviam se sentado de novo. Sivan mantinha as costas eretas, como sempre, mas Leane estava curvada para trás, meio bamba, feito os joelhos de Nynaeve. Marigan estava encostada na parede, ofegante, os olhos fechados, as mãos pressionadas com força no reboco da parede. Alívio e o mais completo terror jorravam pelo bracelete em solavancos alternados.

— Mas...

Sivan não permitiu que Elayne dissesse outra palavra.

— Você acha que Sheriam, ou qualquer uma das outras, vai deixar a Filha-herdeira de Andor cair nas mãos do Dragão Renascido? Ainda mais depois que sua mãe morreu...

— Eu não acredito nisso! — vociferou Elayne.

— Você não acredita que Rand a tenha matado — prosseguiu Sivan, inflexível —, e isso é outra coisa. Eu também não. No entanto, se Morgase estivesse viva, teria aparecido e reconhecido Rand como o Dragão Renascido. Ou, se acreditasse que ele era um falso Dragão, apesar das provas, estaria organizando a resistência. Nenhuma de minhas informantes ouviu um sussurro sequer a respeito de uma coisa ou outra. Nem em Andor, nem aqui em Altara, nem em Murandy.

— Ouviram, *sim* — retrucou Elayne. — Tem uma rebelião no oeste.

— Contra Morgase. Contra. Isso se também não for boato. — A voz de Sivan demonstrava tanta flexibilidade quanto um tronco de carvalho. — Sua mãe está morta, garota. É melhor admitir e acabar logo com esse período de luto.

Elayne ergueu a cabeça, um hábito muito irritante que tinha — era a imagem da arrogância fria, embora a maioria dos homens, sabe-se lá por quê, considerasse aquilo atraente.

— Você reclama o tempo todo sobre como demora para entrar em contato com as suas agentes — declarou a garota, muito calma —, mas vou deixar de lado o fato de que pode não ter ouvido tudo o que há para ouvir. Esteja minha mãe viva ou não, *meu* lugar agora é em Caemlyn. *Eu* sou a Filha-herdeira.

O bufo alto de desdém de Sivan fez Nynaeve dar um salto.

— Você já é Aceita há tempo o bastante para não se perder nessas besteiras.

Elayne possuía um potencial que não era visto em mil anos. Não tanto quanto Nynaeve, se a mulher aprendesse a canalizar por vontade própria, mas mesmo assim suficiente para fazer os olhos de qualquer Aes Sedai brilharem. A Filha-herdeira torceu o nariz. Sabia muito bem que, mesmo que já tivesse tomado posse do Trono do Leão, as Aes Sedai ainda a manteriam presa no treinamento — pedindo, se fosse possível, ou enfiando-a em um barril, caso necessário. Abriu a boca, mas Sivan continuou, sem sequer pausar para respirar:

— É verdade, ninguém vai se incomodar se você subir logo ao trono. Há muito não se vê uma Rainha abertamente declarada Aes Sedai. Mas não vão deixar você ir para lá até ser uma irmã completa, ou mesmo depois. Justamente porque você é a Filha-herdeira, em breve será a Rainha, não vão deixar que se aproxime do maldito Dragão Renascido até saberem quanto podem confiar nele. Sobretudo desde essa... *anistia* dele. — A boca da mulher se contorceu ao pronunciar a palavra, e Leane fez uma careta.

Nynaeve também conteve a língua. Fora criada para temer qualquer homem capaz de canalizar, todos destinados a enlouquecer e aterrorizar quem estivesse à sua volta antes que a metade masculina da Fonte, maculada pela Sombra, lhe trouxesse uma morte terrível. Rand, porém, um sujeito que vira crescer, era o Dragão Renascido — sua vinda era um sinal de que a Última Batalha estava próxima, uma batalha na qual ele deveria enfrentar o Tenebroso. O Dragão Renascido, a única esperança da humanidade — um homem capaz de canalizar. E pior: os informes revelavam que estava tentando reunir outros como ele. Naturalmente, não era possível que houvesse muitos. Qualquer Aes Sedai caçaria

homens assim — a Ajah Vermelha tinha poucas funções além dessa. Ainda assim, segundo os relatórios, haviam encontrado alguns, embora bem menos do que antes houvera em outros tempos.

Elayne, no entanto, não estava disposta a desistir. Era uma de suas características admiráveis: não desistia nem com a cabeça no cadafalso e o machado já descendo. Permaneceu parada de cabeça erguida, enfrentando o olhar de Sivan, o que Nynaeve considerava muito difícil.

— Existem duas razões muito claras pelas quais eu devo ir. Primeiro: seja lá o que tenha acontecido com minha mãe, ela *está* desaparecida, e eu, como Filha-herdeira, posso acalmar o povo e assegurar que a sucessão continua intacta. Segundo: posso me aproximar de Rand. Ele confia em mim. Eu seria *de longe* melhor do que qualquer outra escolhida pelo Salão.

As Aes Sedai em Salidar tinham escolhido seu próprio Salão da Torre, um novo Salão no Exílio, por assim dizer. Sua suposta tarefa era considerar a escolha de um novo Trono de Amyrlin, uma Amyrlin legítima para clamar o título e a Torre de volta de Elaida, mas Nynaeve não vira muito sinal disso.

— É muita gentileza sua se oferecer para sacrifício, criança — retrucou Leane secamente.

A expressão de Elayne não se alterou, mas a jovem enrubescou de fúria. Poucas pessoas fora daquele quarto sabiam, e nenhuma delas era Aes Sedai, mas Nynaeve não tinha dúvidas de que a primeira atitude de Elayne em Caemlyn seria ficar a sós com Rand e quase matá-lo de beijos. Leane continuou:

— Com sua mãe... desaparecida... se Rand al'Thor tiver você e Caemlyn, terá Andor, e o Salão não permitirá que ele possua Andor por mais do que o necessário, ou qualquer outro lugar, se for possível impedir. Ele carrega Tear e Cairhien no bolso, e os Aiel também, ao que parece. Se acrescentarmos Andor, Murandy e Altara desabariam a um espirro dele, e com a gente dentro. Rand está ficando cada vez mais poderoso, e muito depressa. Pode vir a decidir que não precisa de nós. Com Moiraine morta, não tem mais ninguém perto dele em quem possamos confiar.

Nynaeve estremeceu. Moiraine fora a Aes Sedai que a tirara de Dois Rios com Rand e mudara a vida deles. A dela e a de Rand, Egwene, Mat e Perrin. Passara tanto tempo desejando fazer Moiraine pagar pelo que fizera a eles que perdê-la era como perder um pedaço de si mesma. Mas a Aes Sedai morrera em Cairhien e levava Lanfear consigo. Estava rapidamente se tornando uma lenda entre as Aes Sedai, a única da Torre a ter matado não apenas um, mas dois dos Abandonados. A única coisa boa que Nynaeve via nisso, por mais que se

envergonhasse de ver qualquer coisa boa, era que Lan agora estava livre de seu elo de Guardiã. Se pelo menos conseguisse encontrá-lo.

Siuam prosseguiu, no ponto exato onde Leane parara:

— Não podemos nos dar ao luxo de deixar o garoto sair navegando sem ninguém para conduzir o timão. Quem é que sabe o que ele pode fazer? Sim, sim, sei que você fica aflita para defendê-lo, mas não quero nem ouvir. Estou tentando equilibrar um lúcio vivo no nariz, garota. Não podemos deixar que Rand se fortaleça demais antes de nos aceitar, mas também não ousamos refreá-lo muito. E estou tentando manter Sheriam e as outras convencidas de que *devem* apoiar Rand, mesmo com metade do Salão considerando, com seus botões, que não quer ter nada a ver com ele e a outra metade acreditando de todo o coração que ele deva ser amansado, Dragão Renascido ou não. Em todo caso, sejam quais forem seus argumentos, sugiro que aceite o que Sheriam diz. Você não vai fazer a cabeça de ninguém, e Tiana não tem noviças o suficiente para se ocupar, por aqui.

O rosto de Elayne se contraiu de raiva. Tiana Noselle, irmã Cinza, era Mestra das Noviças em Salidar. Uma Aceita precisava sair muito mais da linha do que uma noviça para ser mandada para Tiana, mas justamente por isso a visita era sempre muito mais dolorosa e vexatória. A Cinza podia demonstrar um pouco de bondade para com uma noviça, ainda que não muita, mas sentia que as Aceitas já não deviam cair em esparrelas e costumava fazê-las pensar o mesmo muito antes de deixarem o pequeno cubículo onde ficava seu gabinete.

Nynaeve andara observando Siuam, e um pensamento lhe veio à mente.

— Vocês sabem tudo a respeito dessa... missão diplomática, ou seja lá o que isso for... não sabem? Vocês duas sempre têm as ideias alinhadas com Sheriam e o circulozinho dela. — O Salão poderia muito bem ter toda a autoridade até que fosse escolhida uma nova Amyrlin, mas quem de fato controlava tudo era Sheriam e o grupinho de Aes Sedai que organizaram as primeiras chegadas em Salidar. — Quantas estão sendo enviadas, Siuam?

Elayne prendeu a respiração: estava claro que não havia pensado nisso. Era um sinal de como estava transtornada. Em geral era ela que notava os detalhes que Nynaeve deixava passar.

Siuam não negou a acusação. Desde o estancamento, conseguia mentir feito um mercador de lã, mas, quando decidia ser franca, era franca como um tapa na cara.

— Nove. “O bastante para honrar o Dragão Renascido”, elas disseram, afinal, costumamos mandar três para um *rei*, “mas não o suficiente para intimidá-lo”. Isso se ele tiver ficado sábio o suficiente para perceber que deveria ficar intimidado.